



HAL
open science

A transcrição como teoria-em-reconstrução: a indução como prática metodológica

Michel Binet

► **To cite this version:**

Michel Binet. A transcrição como teoria-em-reconstrução: a indução como prática metodológica. 2012. hal-04497367

HAL Id: hal-04497367

<https://hal.science/hal-04497367>

Preprint submitted on 9 Mar 2024

HAL is a multi-disciplinary open access archive for the deposit and dissemination of scientific research documents, whether they are published or not. The documents may come from teaching and research institutions in France or abroad, or from public or private research centers.

L'archive ouverte pluridisciplinaire **HAL**, est destinée au dépôt et à la diffusion de documents scientifiques de niveau recherche, publiés ou non, émanant des établissements d'enseignement et de recherche français ou étrangers, des laboratoires publics ou privés.

A transcrição como teoria-em-reconstrução: a indução como prática metodológica

(Working Paper)

Michel G. J. Binet¹
GIID-CLUNL

Os analistas da conversação seguem uma metodologia indutiva: são os primeiros a alertar contra o risco de rotinização das investigações, que resulta precisamente do poder heurístico da sua grelha observacional. Em vez de projectar de cima para baixo conceitos rigidificados (em razão mesmo do seu grau de consolidação) da conversação, chamam a atenção para a riqueza das reformulações conceituais e das descobertas proporcionadas por uma abordagem verdadeiramente indutiva atenta às singularidades de cada interação verbal transcrita (ten Have, 2005: 41; Monteiro, 2011). A riqueza das publicações que daí resulta traduz bem este dinamismo de investigadores decididos a manter o espírito de pesquisa e de descoberta que marcou a origem deste campo.

A definição em compreensão dos conceitos é posta à prova na análise detalhada de cada transcrição. O quadro teórico-conceitual da análise da conversação (AC) é empiricamente fundamentado (Sacks, 1984: 25). Esta afirmação é um truísmo: todas as teorias são empiricamente fundamentadas nas ciências de observação. O que destaca a AC é o vigor desta fundamentação empírica, atenta às «evidências êmicas» (Loder & Jung, 2008: 43) ou factos tratados localmente como relevantes pelos próprios falantes em cada transcrição. As sessões de análise em grupo (Data Sessions)², que constituem uma tradição neste campo, são o quadro de um intenso trabalho que comprova bem o vigor e o dinamismo que presidem ao estudo de cada transcrição.

¹ Bolseiro FCT.

² Reitero os meus agradecimentos dirigidos a David Monteiro, Ricardo de Almeida e Isabella Paoletti, pela riqueza das Data Sessions realizadas em redor de transcrições do Corpus ACASS (Análise da Conversação Aplicada ao Serviço Social). Cf. Binet & Sousa (de), 2011.

Deste intenso trabalho de análise que segue um método indutivo resultam conceitos empiricamente fundamentados cuja definição em extensão interpela os antropólogos e suscita um debate³, o qual, paradoxalmente, constitui um sinal do alcance destas investigações para a Ciência do homem e da sociedade.

Transcrever, anotar e analisar gravações de interações conversacionais é o terreno iniciático da análise da conversação e da microetnografia. A formação inicial e avançada em análise da conversação assenta na prática da transcrição. Somos em primeiro lugar transcritores. Os nossos encontros e as nossas discussões de trabalho são muito recorrentemente encontros e discussões de transcritores. Falamos de programas computacionais que auxiliam o nosso trabalho de transcrição; falamos sem fim das convenções de transcrição e das suas limitações; ligamos os nossos computadores para ouvir trechos de gravação e conferir transcrições, etc.: o trabalho se desenvolve na maioria dos casos em redor de questões de transcrição (Chafe & Tannen, 1987; Edwards & Lampert, 1993; Blanche-Benveniste, 2000: 24–34).

A transcrição não é uma actividade rotineira. O transcritor trabalha na qualidade de analista, deparando frequentemente com trechos de gravação passíveis de várias transcrições.

«(...) *uma transcrição* não é um produto final, acabado, perfeito e que permanecerá [inalterado] ao longo do tempo».

(Gago, 2002: 91)

Cada trecho de transcrição é uma aproximação aos dados registados na gravação. O regresso à gravação é uma necessidade e uma prática constante. A base empírica do trabalho científico dos analistas da conversação consiste em três documentos derivados uns dos outros: (1) o ficheiro áudio da gravação (em formato digital wav ou mp3), documento primário, mais próximo do evento interacional original; (2) o ficheiro ELAN (formato eaf), abaixo apresentado, que permite abrir e editar a transcrição (parcial ou integral) da gravação na interface multitarefa (multitask) do programa ELAN; e (3) a

³ «*The broad generality of Goffman's claim that the interests of face-maintenance are universal among humans remains to be demonstrated empirically*», comenta por exemplo Frederick Erickson (2004: 144) acerca do alcance transcultural da análise goffmaniana do face work, numa atitude investigativa típica dos etnógrafos, que no entanto não impede Erickson de se apoiar em Goffman para o desenvolvimento dos seus estudos microetnográficos.

edição em formato word (doc) da transcrição, integral ou parcial, sob a forma de trechos. Estes três documentos formam o ambiente proximal de trabalho do investigador (transcritor e analista).

A gravação é um objecto permanentemente manipulado para efeitos de audição e visualização selectivas, operações que possibilitam o recorte de turnos, a transcrição de falas e de fenómenos conversacionais, capturados mediante convenções de transcrição adaptadas⁴ e tornados cientificamente relevantes pela acumulação e consolidação de resultados de investigação:

- Pausas intra e interturnos, turnos contíguos (Sacks et al., 1974: 715; Atkinson & Heritage, 1984: 53; Duranti, 1997a: 135; Schegloff, 2007b: 19–21 & 144; Kerbrat-Orecchioni, 1990: 162–4);
- pausas cheias (Morel & Danon-Boileau, 1998: 82–3);
- sobreposições (Jefferson, 1973; 1983; 2004a; Lerner, 1989; Duranti, 1997b; Schegloff, 2001);
- fenómenos prosódicos e entoacionais, como prolongamentos de sons, contornos entoacionais, ênfases, volumes, velocidades da fala, (des)alinhamentos prosódicos (Faure, 1970; Selting, 1992; Uhmman, 1992; Couper-Kuhlen & Selting, 1996; Schegloff, 1998; Binet, 2000; Cristo (di), 2000; Ward & Tsukahara, 2000; Caelen-Haumont, 2002; 2005; Lacheret-Dujour & Beaugendre, 2002; Portes, 2004; Simon et al., 2006; Akpossan-Confiac & Delumeau, 2007; Goldman et al., 2007; House, 2007; Jullien, 2007; Lacheret-Dujour, 2007; Tokizaki, 2007; Lacheret, 2008; Lehtinen, 2008; 2009; Reed, 2010; 2011; Roth & Tobin, 2010; Boulakia et al., 2011; Ferré, 2011; Mathon & Boulakia, 2011);
- cortes abruptos (Kerbrat-Orecchioni, 1990: 41 & 173);
- sinais de retorno do ouvinte (Duncan, Jr. & Niederehe, 1974; Maynard, 1986; White, 1989; Tao & Thompson, 1991; Laforest, 1992; Drummond & Hopper, 1993; Rodrigues, 1998; Ward & Tsukahara, 2000; Heinz, 2003; Almeida (de), 2009; 2010b);
- respirações (Lacheret-Dujour & Beaugendre, 2002: 48);

⁴ Ver ANEXO: Convenções de transcrição (adapt. Jefferson, 2004).

- risos (Jefferson, 1979; Jefferson, 1985; Jefferson, 2004a; Jefferson et al., 1987; Ogien, 1990; Gago, 2002: 107–9; Edwards 2005; Mik-Meyer 2007; Kangasharju & Nikko 2009);
- interjeições (Morel & Danon-Boileau, 1998: 97–8 & 130; Fauré, 2002; Gonçalves, 2002; Akposan-Confiac & Delumeau, 2007);
- atividades não verbais (Grosjean, 2001);
- fenómenos rítmicos (Erickson, 2004: 36–48; Monteiro, 2011a: 44–8);
- etc.

O transcritor trabalha em ligação directa com a produção de conhecimentos do seu domínio científico; as suas tarefas são teoricamente orientadas e fundamentadas (Ochs, 1979; Psathas & Anderson, 1990; Garcez, 2002; Freitas, 2010).

«(...) the problems of selective observation are not eliminated with the use of recording equipment. (...) [Transcription] is a selective process reflecting theoretical goals and definitions (...)».

(Ochs, 1979: 44)

Existe um modelo-padrão de convenções de transcrição proposto por Gail Jefferson (2004c), que emergiu diretamente da prática da transcrição e acabou por se difundir, sofrendo umas adaptações de amplitude menor consoante os investigadores e as unidades de investigação. As transcrições ostentam marcas gráficas que identificam a pertença dos autores à comunidade científica dos analistas da conversação. Um membro da comunidade sabe reconhecer logo a pertença ou não de um colega a esta mesma comunidade, olhando pelas transcrições que produz.

Mas, como já sublinhei, esta convencionalização não é sinônima de rotinização, e isso, por duas razões principais. Primeiro, a aplicação destas convenções exige um trabalho de análise e de interpretação. O transcritor é forçado a tomar microdecisões e micro-opções em contexto de incerteza. Cada transcrição é assim um artefacto analítico que presta a discussão. Os pontos sensíveis envolvendo alguma margem de interpretação subjectiva do transcritor (Gago, 2002: 90) se prendem, por exemplo, com as pausas (determinação do seu estatuto inter ou intraturno), as unidades não lexicais (sinalizador de um problema de entendimento, por ex.: « hã? ») e interjectivas (Freitas & Ramilo,

2010: 80–1), o uso da ortografia normalizada ou de uma ortografia modificada para efeitos de transcrição de fenómenos de variação sociolectal (Gago, 2002: 96–100; Freitas, 2010: 34–7 & 42–3).

Segunda razão, certos fenómenos não são capturados com a precisão desejável pelas convenções usuais, o que obriga a adaptações e inovações, submetidas à prova, na e pela prática da transcrição.

Assim, por exemplo, os fenómenos de natureza prosódica e entoacional, de reconhecida importância (Chafe, 1993; Couper-Kuhlen & Selting, 1996; Oliveira & Freitas, 2010: 248), carecem de convenções de transcrição adequadas (Blanche-Benveniste, 2000: 71–4):

«Les questions de convention de transcription des aspects prosodiques sont loin d’être réglées».

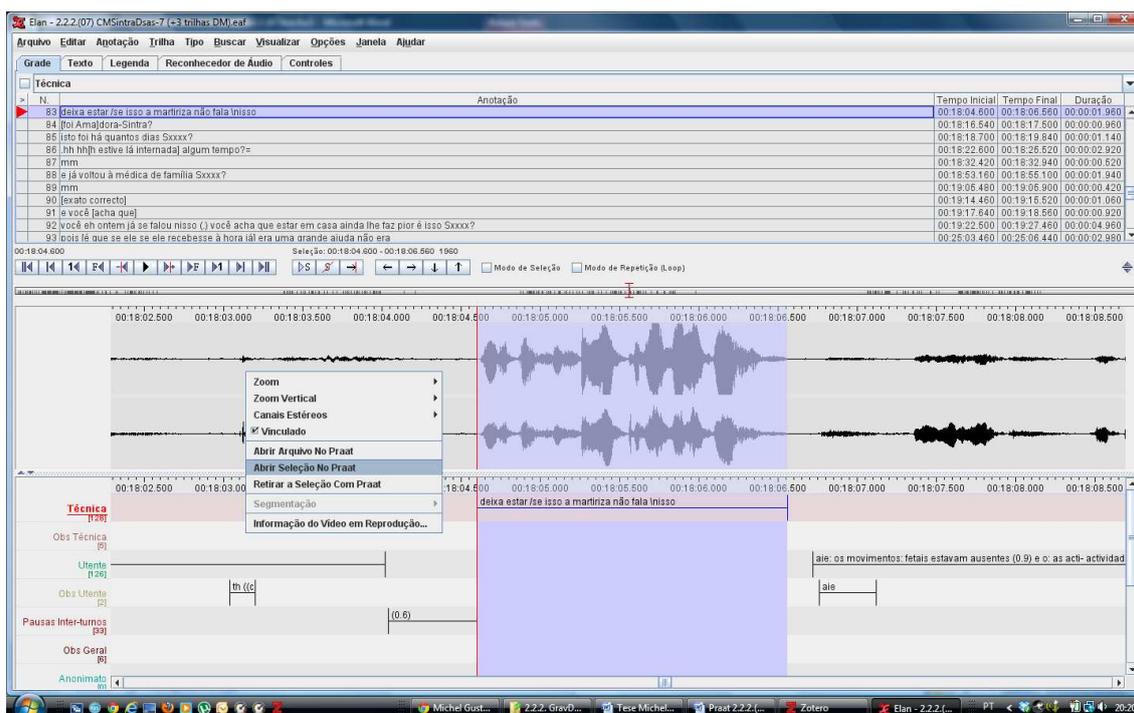
(Grosjean, 2001: 145)

Para descrições mais precisas destes fenómenos prosódicos e entoacionais, o transcritor e analista pode recorrer a um segundo programa computacional (ex.: Praat), que permite visualizar, por exemplo, o contorno entoacional de um dado turno de fala.

Um exemplo preciso apoiado em dados visuais permitirá descrever melhor o ambiente de trabalho do transcritor. Ao transcrever o sétimo atendimento gravado na Divisão de Saúde e Ação Social da Câmara Municipal de Sintra (Binet & Sousa (de), 2011), deparei com uma macrosequência (multiturnos) contrastando com as demais no plano da alternância de vez (ex.: prolongamento das pausas), centrada num tópico emocionalmente sensível: o aborto involuntário sofrido recentemente por uma utente de 38 anos de idade. O meu ambiente de trabalho revestia então a forma da seguinte interface de utilizador, do programa ELAN (Fig. 1)⁵:

⁵ <http://www.lat-mpi.eu/tools/elan/elan-description>

Fig. 1– Interface do Programa de transcrição ELAN (captura de ecrã)



Trilhas organizam o trabalho de transcrição e anotação das falas (no sentido lato, que contempla todos os fenómenos acima listados) de cada uma das duas participantes no atendimento e das pausas silenciosas interturnos. As fronteiras dos turnos recortados passo a passo pelo transcritor são temporalemente alinhadas com o áudio da gravação, facto que facilita a rápida localização na gravação áudio (cuja duração, neste caso, é superior a 32 minutos) de trechos da transcrição final.

O programa ELAN permite gerar em ficheiro Word (doc) um texto interlinear (Fig. 2), transcrição “bruta” que precisa de ser cuidadosamente verificada e editada passo a passo:

Fig. 2– Transcrição “bruta” em ficheiro Word gerada pelo Programa ELAN

Utente (0.6) que as	e li o papel (1.4) foi ao ler o papel que vi car- eh:: as pulsações cardíacas (0.6)
estavam ausentes	(1.2) e o:: (0.9) eh:: (0.5) th °não (
)°	
Técnica	deixa estar /se isso a martiriza
não fala \nisso	
Pausas Inter-turnos	(0.6)
Utente (0.9) e o: as	aie: os movimentos: fetais estavam ausentes
também eu ai	acti- actividade cardíaca (.) estava ausente
	eu fui ao hospital (0.6) fiquei [()]

Fonte: Corpus ACASS

Esta transcrição elaborada com os recursos gráficos limitados do Programa ELAN usa símbolos (ex.: / ou «) que precisam de serem substituídos por outros (neste caso, por: ↑ ou <). O uso de uma tabela composta por três colunas facilita a gestão do espaço da página, para efeitos de numeração das linhas de transcrição, identificação dos falantes e transcrições das suas falas. As linhas da tabela corresponde à organização em turnos da fala-em-interação, separados por vezes por pausas interturnos. A utilização de uma tabela reduz os riscos de desformatação da transcrição, sempre que o investigador precisa de editar o seu trabalho num formato editorial diferente, para efeitos de publicação. A transcrição final é então conforme ao trecho seguinte (Trecho 1):

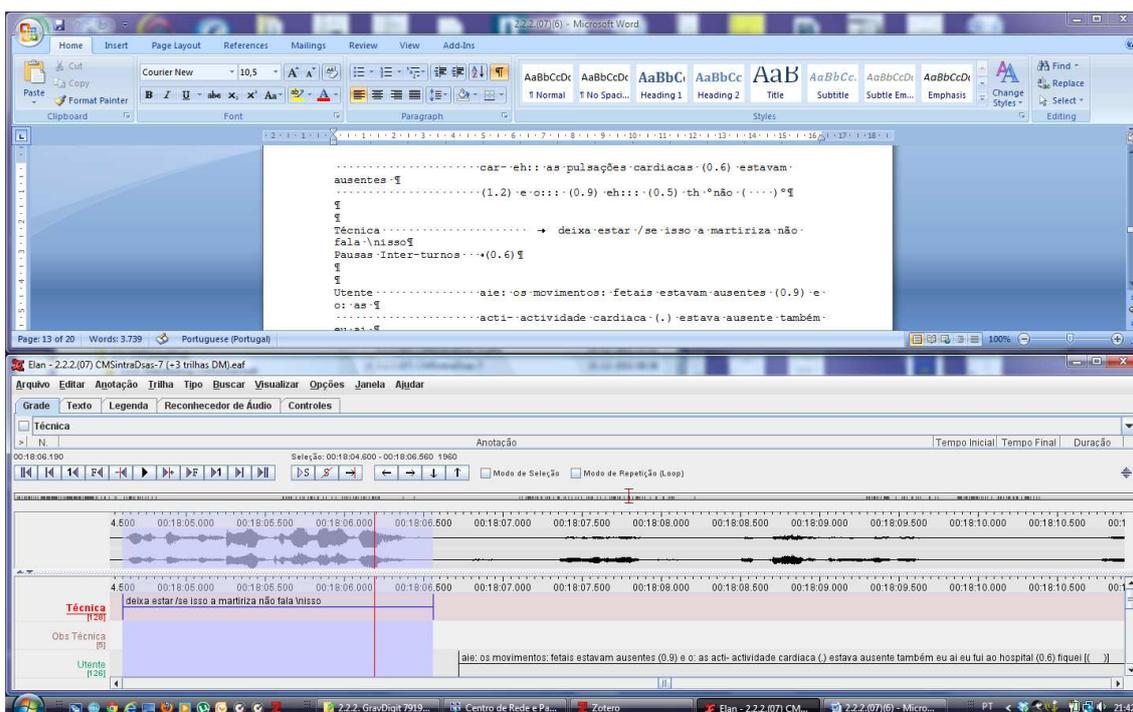
Trecho 1 - Transcrição 2.2.2.(07) [00.17.50.38 – 00.18.16.94]

(...)		
67	<i>Utente</i>	e li o papel (1.4) foi ao ler o papel que vi (0.6) que as car- eh:: as pulsações cardíacas (0.6)
68		estavam ausentes (1.2) e o:: (0.9) eh:: (0.5) th °não ()°
69	<i>Pausa</i>	(0.6)
70	<i>Técnica</i>	deixa estar ↑se isso a martiriza não fala ↓nisso
71	<i>Utente</i>	aie: os movimentos: fetais estavam ausentes (0.9) e o: as acti- actividade cardíaca (.) estava
72		ausente também eu ai eu fui ao hospital (0.6) fiquei [()]
(...)		

Fonte: Corpus ACASS

A transcrição “bruta” contém erros gerados pelo programa ELAN, associados a fenómenos de sobreposição, que importa corrigir. A verificação pode ser facilitada pela abertura de duas janelas sobrepostas no ecrã do computador (Fig. 3): uma correspondente ao ficheiro ELAN (eaf) da gravação e transcrição temporalmente alinhada e organizada por trilhas de fala e anotação, aberta pelo programa ELAN; outra, consistindo na transcrição a verificar e editar, em ficheiro word.

Fig. 3– Verificação e edição da transcrição com recurso a duas janelas sobrepostas (Word e ELAN) (captura de ecrã)



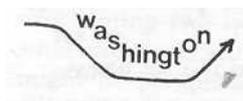
Num dado turno desta macroseqüência, que se singulariza em vários aspectos, turno reproduzido na linha de transcrição nº70 do trecho 1 (Trecho 1: Lt 70), a técnica convida a utente a abandonar o tópico (aborto involuntário), fazendo acompanhar esta sua ação de uma justificação (account). Esta ação, interacionalmente marcada (por motivos teóricos que não vou precisar agora), apresenta um contorno entoacional que me parece interessante analisar de mais perto.

Existem várias possibilidades de transcrição dum enunciado e do seu contorno entoacional.

Cada linha de transcrição pode, por exemplo, ser desdobrada graficamente em três (ou mais) níveis, respectivamente de baixa, média e ^{alta} frequência.

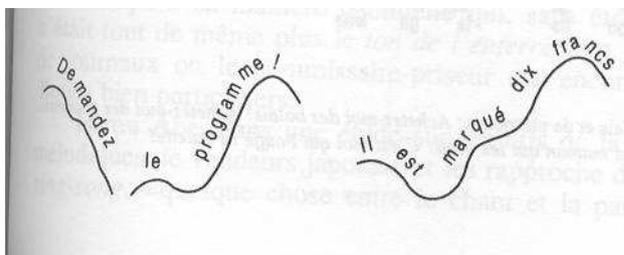
Ou ainda, é possível transcrever letra por letra uma palavra ou um enunciado completo ao longo de uma curva que reproduz graficamente as variações da frequência e/ou da intensidade (Fig. 4 & 5).

Fig. 4– Transcrição incorporada numa unidade lexical e do seu contorno entoacional



Fonte : Sinclair & Brazil, 1982: 102.

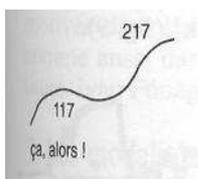
Fig. 5– Transcrição incorporada dum enunciado e do seu contorno entoacional



Fonte : Léon, 2005: 171.

A opção que acabei de referir dificulta muito a transcrição. A alternativa consiste em dissociar a transcrição do texto e a análise dos parâmetros vocais dos enunciados (Fig.6).

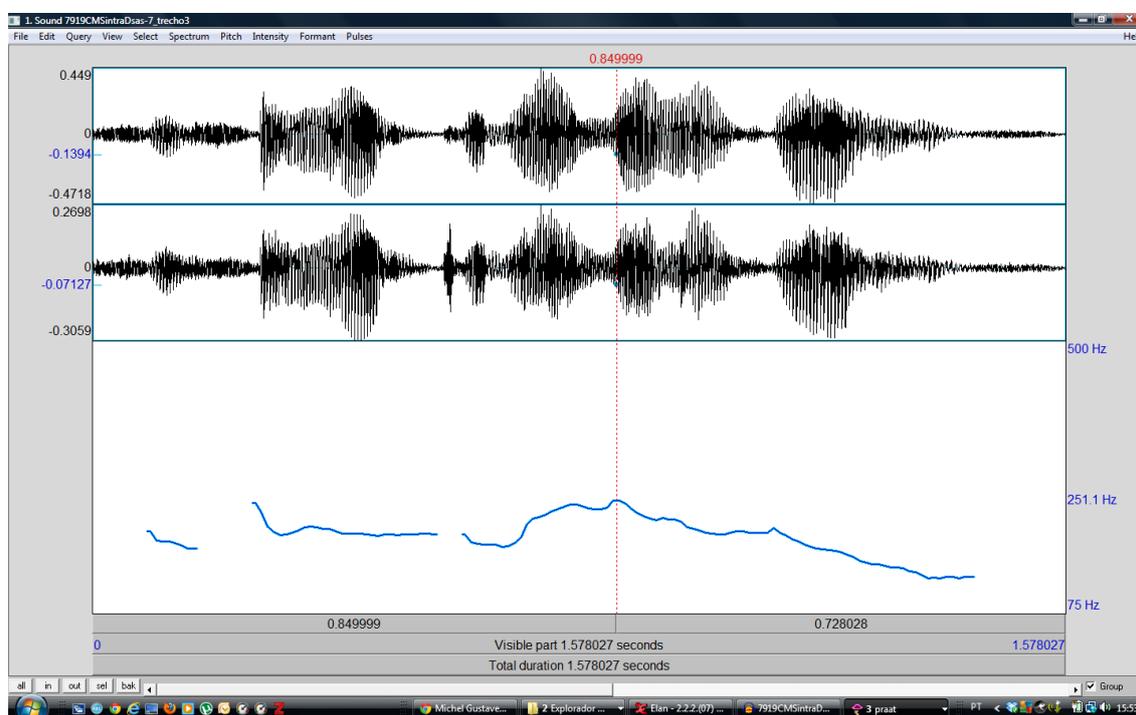
Fig. 6– Transcrição dissociada numa UCT e do seu contorno entoacional



Fonte : Léon, 2005: 143.

Para auxiliar este trabalho, o transcritor pode recorrer ao programa de análise fonética e prosódica PRAAT⁶, cuja interface gráfica é a seguinte (Fig. 7):

Fig. 7– Interface do Programa de análise fonética e prosódica PRAAT (captura de ecrã): contorno entoacional de um turno de fala (Trecho 5 : Lt 70)



Este segundo programa computacional auxilia a análise dos fenómenos entoacionais associados a unidades suprasegmentais. No entanto, a utilização de tais programas não permite ainda o reconhecimento gráfico seguro de padrões entoacionais com valores semântico-pragmáticos definidos. Este reconhecimento assenta ainda na intuição do analista enquanto falante dotado de uma competência comunicativa. Trata-se de uma frente investigativa, susceptível de beneficiar em breve de grandes avanços científicos e tecnológicos (Yoo & Delais-Roussarie, 2011).

A competência comunicativa do investigador continua a desempenhar um papel importante na transcrição e na análise. Mas os dados submetidos a essa análise deixaram de serem forjados pelos investigadores. A investigação incide doravante sobre corpora de gravações, o que enriqueceu consideravelmente a pesquisa e consolidou a produção científica.

⁶ <http://www.fon.hum.uva.nl/praat/>

Um dos pontos particularmente sensíveis do trabalho de transcrição diz respeito à delimitação dos turnos de fala e aos sinais de retorno do ouvinte (back channels), que, em muitos casos, são produzidos em sobreposição sem efectivar uma tomada de turno, desempenhando uma função, aliás fundamental (Almeida (de), 2010b), de regulação da actividade conversacional do falante primário na posse do turno então em curso, mas, que, em outros casos, acabam por performar uma ação e valer como Unidade de Construção de Turno (UCT) (Sacks et al., 1974), gerando um turno. As convenções de transcrição exigem que o estatuto destas unidades, reguladores ou UCT, seja discriminado em cada uma das suas ocorrências, o que nem sempre é fácil (Duncan, Jr. & Niederehe, 1974; Kerbrat-Orecchioni, 1990: 189).

Este ponto sensível se prende com o problema mais geral da transcrição (unilinear) dos fenómenos de sobreposição (Freitas & Ramilo, 2010: 75–9). Insatisfeito, procurei e testei soluções me permitindo evidenciar melhor a actividade do falante secundário (extra-turno) e a sua intersincronização com a actividade do falante primário (intra-turno). No decurso deste trabalho de pesquisa sobre técnicas de transcrição e fenómenos de sobreposição, surgiu uma solução, que, após uma série de testes, foi submetida à apreciação dos outros transcritores do Atelier GIID, sob a forma de um breve Documento de Trabalho (Binet, 2011d). David Monteiro adoptou esta nova convenção; Ricardo de Almeida manifestou-se interessado.

A convenção proposta consiste em replicar as linhas de transcrição de um turno (Trecho 2: Lt 39-40-41-42-43), logo a seguir ao mesmo, respeitando o número de linhas (cinco linhas de transcrição, neste exemplo: Lt 39-43) e reproduzindo a sua numeração, acrescentada de um símbolo (') sinalizando que se trata da transcrição da actividade extraturno de um falante secundário (Lt 39'-40'-41'-42-43').

Trecho 2 – Transcrição 2.1.1.(05)

39	<i>Técnica</i>	=não ↑po:de (.) ↓independentemente da senhora ter esta dívi[da ()	
40] (.) uma coisa é a senhora querer deixar a casa (.) porque já [tem esta dívida e (quer	
41		entregar) a chave (.)] de livre von- de livre vontade (.) ↓outra coisa é ter o senhorio a dizer que	
42		tem de sa↑ir: (.) porque é ela que ↑manda (.) isso ↑não: ↓tem que haver uma ordem do tribunal a	
43		dizer que a senhora tem ordem de despejo e tem de [()]	
39'	<i>(Utente)</i>		[e- exatamente mas eu
40'		pronto eu]	[pois exatamente (.)
41'		é isso]	
42'			
43'			

Trecho 4 – Transcrição 5.1. (05)

149 *Técnica* .h diz me só eh estava a me falar dos seus rendimentos portanto
150 tem tem limitações no orçamento não é?
151 *Utente* Sim tenho: eh: (.) tenho a minha reforma [é da] minha reforma que
152 eu vivo [mais nada]
151' (*Técnica*) [É é?]
152'
153 *Técnica* [Então] os seu rendimentos são?
154 *Utente* A reforma só

Fonte: Corpus ACASS

As sobreposições que ocorrem numa transição de turnos (no fim de um primeiro turno e no começo de outro) não são transcritas no espaço gráfico aberto ao abrigo desta convenção. Com efeito, esta é reservada à transcrição da actividade conversacional dum participante em posição de falante secundário. No caso aqui considerado, as falas sobrepostas são produzidas não por um falante primário e por um falante secundário, mas, sim, por dois falantes primários, um em via de acabar o seu turno, outro empenhado em se apoderar da fala e começar o turno seguinte. Este fenómeno de sobreposição envolve dois turnos. O uso de parenteses rectas com alinhamento temporal por via gráfica do começo do segundo turno sobre o segmento final sobreposto do primeiro turno facilita a visualização da interligação temporal inerente ao fenómeno (Trecho 2: Lt 43 e Lt 44) (Trecho 4: Lt 152 e Lt 153).

O trecho seguinte permite de apreciar o maior nível de precisão que esta convenção proporciona no que diz respeito à transcrição dos risos (Gago, 2002: 107–9), quer sejam produzidos em uníssono por ambos os falantes, quer sejam produzidos apenas pelo falante secundário.

Trecho 5 – Transcrição 5.1. (05)

296 *Técnica* Mas esta zona à noite torna-se perigosa?
297 *Utente* Não não a gente aqui nunca teve () sequer (1.1) não aqui é
298 uma zona: não é muito mauzinho (0.6) »mas embora já tinha
299 acontecido assim algumas coisas mas já« (.) já é assim umas
300 coisas mais aos leve ao leve: (0.9) não temos assim muito (1.3)
301 muitas razões de queixas aqui (3.1) E é assim: pronto e vai-se
302 vivendo assim (1.6) Uma casa pobre não tenho uma casa rica [não
303 tenho: riquezas para ter uma casa rica] tenho de viver com aquilo
304 que tenho olha só peço é que Deus me dê saúde
297' (*Técnica*)

298'
 299'
 300'
 301'
 302' ((riso
 303'))
 304'
 305 *Técnica* mm (0.4) Olha Dona: eh: Mxxxx Exxxxx Quantas assoalhadas tem a
 306 sua casa?

Fonte: Corpus ACASS

Esta convenção pode facilmente se estender a grupos conversacionais, facilitando a transcrição e localização temporal de fenómenos de sobreposição envolvendo um falante primário, um primeiro falante secundário (replicação do número de linhas de transcrição e respectiva numeração do turno anterior, acrescentada do símbolo (')), um segundo falante secundário (nova replicação das linhas de transcrição e numeração das mesmas, com recurso ao símbolo ("')), e assim sucessivamente, dependendo do número de falantes secundários a considerar em cada caso.

Iniciei as minhas actividades de transcritor sob a orientação de Tiago Freitas (ILTEC / GIID-CLUNL), que me ensinou a tirar partido dos Programas computacionais ELAN e PRAAT e a não dissociar esta actividade das questões teóricas debatidas no campo investigativo da análise da conversação (Freitas, 2010). Nesta fase, correspondente aos anos 2007 e 2008, realizámos Data Sessions, que beneficiaram da participação regular de Ricardo de Almeida (GIID-CLUNL).

Com o apoio do CLUNL e do CLISSIS, formei e dinamizei a partir de 2008 um Atelier de transcrição do Corpus de gravações do Projecto ACASS (Binet, 2008), espaço de trabalho de equipa que foi integrado, de forma regular, por David Monteiro e Raquel Caldas, bem como por Ricardo de Almeida, Inácia Sezões e Inês Luz. A dinamização de um Atelier de transcrição responde à necessidade de inscrição deste módulo investigativo num espaço de trabalho em equipa de longa duração. Sabendo que um minuto de gravação pode requerer uma hora de trabalho por parte de um transcritor seguidor das convenções dos analistas da conversação, a transcrição de um Corpus de mais de 50 horas de gravações está fora do alcance de um investigador isolado. Muitas questões levantadas no quadro do Atelier de Transcrição ACASS foram levadas para discussão a reuniões do GIID-CLUNL, que acabou por se impor como instância de validação das convenções de transcrição do Atelier (GIID-CLUNL, 2009). Como já

mencionei, paralelamente ao Atelier, foram igualmente dinamizadas Data Sessions, numa base semanal (em certas fases do Projecto), que contaram com a participação de Isabella Paoletti, David Monteiro e Ricardo de Almeida. Este espaço de trabalho foi ainda o quadro de sessões pontuais de trabalho inter-grupos do CLUNL⁸.

Esta dimensão colectiva do trabalho de transcrição e a sua temporalidade (actividade de longo prazo) gera um ambiente de trabalhos-em-curso (work-in-progress), sujeito a modificações constantes. A gestão deste ambiente de trabalho assenta em alguns princípios que potenciam a produtividade da actividade investigativa que se desenvolve no seu seio. Um destes princípios consiste em definir prioridades e em controlar as implicações científicas das decisões tomadas, pela implementação de protocolos seguidos no seio da equipa.

Num work-in-progress como este, as práticas e convenções de transcrição sofrem ao longo do tempo correções e alterações. Sempre que isso ocorre, forte é a tentação de conformar as transcrições já realizadas às mudanças introduzidas, com visto a assegurar a homogeneidade e uniformidade das transcrições do Corpus. Embora justificável, a experiência demonstra que tal exigência é pouco exequível, acabando por prejudicar a produtividade de um Atelier de Transcrição. Desactualizadas no que respeita às convenções entretanto adoptadas pelo Grupo, transcrições de fases anteriores não deixam de constituir documentos de elevado valor, facultando uma sólida base empírica para o avanço das investigações. Prioridade deve ser acordada às gravações ainda não transcritas, deixando para uma fase posterior a uniformização do Corpus.

Outro factor compromete a padronização do Corpus de transcrição: os transcritores que integram um Atelier apresentam níveis diferenciados de domínio da análise da conversação. Um Atelier é, sempre que possível, um espaço de interformação de analistas da conversação, como atesta no seio do Atelier ACASS o caso de David Monteiro. É muito difícil dissociar a transcrição do trabalho analítico. É difícil, indesejável, epistemologicamente falando, e contraproducente: gera erros de transcrição que exigem uma correção.

O Volume de transcrições (integrais e parciais) de atendimentos de ação social (GIID-CLUNL, 2012) resultante das nossas actividades no seio do Atelier é sujeito a reedições periódicas que cumprem o seguinte princípio: disponibilizar para o Grupo as novas transcrições, evitando alterar as transcrições que constavam das edições anteriores do

⁸ Um agradecimento aos colegas do CLUNL que participaram neste espaço privilegiado de debate e articulação entre tradições investigativas diversas, com uma menção especial para Helena Valentim.

Volume, de forma a facilitar a rápida localização dos trechos de transcrição que servem de base empírica às análises desenvolvidas pelos vários membros do Grupo, independentemente da sua data de elaboração. Cada transcrição do Volume é identificada por um código de identificação (ex.: 3.2.(03)) que permite a cada investigador localizar, de forma rápida, segura e autónoma, o ficheiro áudio e o ficheiro ELAN correspondentes, identificados pelo mesmo código, de fácil descodificação no seio do corpus, cujas pastas e subpastas reproduzem a organização dos profissionais que colaboraram na recolha em instituições e serviços distintos, pertencentes à Rede Social do Concelho de Sintra: terceiro atendimento do subcorpus de gravações digitais do Gabinete de Serviço Social da Junta de Freguesia de Algueirão Mem Martins.

Esta interligação entre transcrições do Volume, gravações do Corpus e respectivos ficheiros ELAN é cientificamente necessária, por motivos que decorrem dos factores acima apontados. Um dado trecho de transcrição disponibilizado no Volume pode seguir convenções de transcrição que não correspondem à actual produção científica do Grupo no seu todo ou de uma investigação particular que incide sobre fenómenos que exigem convenções adaptadas. Pode ter sido efectuada por um transcritor sem formação avançada em análise da conversação, o que obriga a uma verificação cuidadosa da mesma. Mesmo sem a pressão exercida por estes dois factores, a verificação e reedição dos trechos de transcrição contidos no Volume é de regra, para garantir o rigor do trabalho científico desenvolvido. No caso de retranscrições parciais, um protocolo facilita a manutenção da interligação Transcrições-Gravações-ELAN: o transcritor segue a numeração das linhas de transcrição do Volume na primeira linha de retranscrição de cada trecho (cuja retranscrição completa pode necessitar de um número menor, idêntico ou maior de linhas de transcrição consoante as revisões efectuadas e as modificações entretanto introduzidas nas convenções de transcrição). Por sua vez, as retranscrições integrais, que se afastam da transcrição original que consta do Volume, são cuidadosamente arquivadas na respectiva pasta ou subpasta do Corpus, de forma a garantir a sua acessibilidade no seio do Grupo.

O Volume integral de Transcrições é de acesso restrito: a anonimização das transcrições está incompleta, o que limita a circulação destes dados fora das fronteiras do Grupo, por cumprimento das garantias de anonimato dadas aos interactantes.

A produção científica do Grupo assenta num compromisso de trabalho: as análises conversacionais desenvolvidas são devidamente acompanhadas dos trechos de transcrição sobre os quais incidem, sistematicamente reproduzidos no corpo principal

dos trabalhos, o que assegura a visibilidade e possibilita o escrutínio da ancoragem empírica das investigações desenvolvidas no seio do GIID.

Michel G. J. Binet (GIID-CLUNL)

Março 2012

Bibliografia

- Akposan-Confiac, J. & Delumeau, F., 2007. Comment la prosodie donne du sens aux interjections? *Nouveaux cahiers de linguistique française*, 28, pp.335–347.
- Almeida (de), R., 2009. *Sinais de retorno do técnico e estruturação do discurso do utente*. Documento de Trabalho do GIID nº19. Lisboa: FCSH-UNL.
- Almeida (de), R., 2010. *Sinais fáticos e reguladores*. Documento de Trabalho do GIID nº20. Lisboa: FCSH-UNL.
- Atkinson, J.M. & Heritage, J. eds., 1984. *Structures of Social Action. Studies in Conversation Analysis*, Cambridge: Cambridge University Press / Maison des Sciences de l'Homme.
- Binet, M., 2008. *Aprovação formal do Atelier de Transcrição ACASS no seio do CLISSIS*. Metadados do Corpus ACASS (Arquiv. GIID-CLUNL). Lisboa: FCSH-UNL.
- Binet, M., 2000. Ethno-pragmatique et Prosodie. *Revista FCSH - Faculdade de Ciências Sociais e Humanas*, 13, pp.363–376.
- Binet, M., 2011. *Proposta de uma nova convenção de transcrição em Análise da Conversação*. Documento de Trabalho do GIID nº32. Lisboa: FCSH-UNL.
- Binet, M. & Sousa (de), I., 2011. Coparticipação e novos desenhos investigativos em Serviço Social: Insider/Outsider Team Research. In *II Congresso Internacional de Serviço Social « Compromisso para uma nova geração »*. Lisboa: Instituto Superior de Serviço Social de Lisboa da Universidade Lusíada de Lisboa (ISSSL-ULL).
- Blanche-Benveniste, C., 2000. *Approches de la langue parlée en français*, Paris: Ophrys.
- Boulakia, G., Kim, I.-Y. & Mathon, C., 2011. « Un plaisir coupable... mais un plaisir »: Étude prosodique de la rhétorique de plaidoiries et de réquisitoires. In H.-Y. Yoo & E. Delais-Roussarie, eds. *Actes / Proceedings from IDP (Interface Discours & Prosodie) 2009*. Paris: ARP (Atelier de Recherche sur la Parole), pp. 123–135.
- Caelen-Haumont, G., 2005. Les états émotionnels et la Prosodie: paradigmes, modèles, paramètres. In N. Nguyen, S. Wauquier-Gravelines, & J. Durand, eds. *Phonologie et phonétique: Forme et substance*. Paris: Hermès, pp. 397–424.

- Caelen-Haumont, G., 2002. Prosodie et dialogue spontané: valeurs et fonctions perlocutoires du mélisme. *Travaux Interdisciplinaires du Laboratoire Parole et Langage*, 21, pp.13–24.
- Chafe, W., 1993. Prosodic and Functional Units of Language. In J. A. Edwards & M. D. Lampert, eds. *Talking Data: Transcription and Coding Methods for Language Research*. Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum, pp. 33–43.
- Chafe, W. & Tannen, D., 1987. The Relation Between Written and Spoken Language. *Annual Review of Anthropology*, 16, pp.383–407.
- Couper-Kuhlen, E. & Selting, M. eds., 1996. *Prosody in conversation : interactional studies*, Cambridge: Cambridge University Press.
- Cristo (di), A., 2000. La problématique de la prosodie dans l'étude de la parole dite spontanée. *Revue Parole*, 15-16, pp.189–250.
- Drummond, K. & Hopper, R., 1993. Back Channels revisited: acknowledgment tokens and speakership incipency. *Research on Language and Social Interaction*, 26(2), pp.157–177.
- Duncan, Jr., S. & Niederehe, G., 1974. On signalling that it's your turn to speak. *Journal of Experimental Social Psychology*, (10), pp.234–247.
- Duranti, A., 1997a. *Linguistic Anthropology*, Cambridge: Cambridge University Press.
- Duranti, A., 1997b. Polyphonic discourse: Overlapping in Samoan ceremonial greetings. *Text*, 17(3), pp.349–381.
- Edwards, D., 2005. Moaning, whinging and laughing: the subjective side of complaints. *Discourse Studies*, 7(1), pp.5–29.
- Edwards, J.A. & Lampert, M.D. eds., 1993. *Talking Data: Transcription and Coding Methods for Language Research*, Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum.
- Erickson, F., 2004. *Talk and Social Theory: Ecologies of Speaking and Listening in Everyday Life*, Cambridge: Polity Press.
- Faure, G., 1970. Contribution à l'étude du statut phonologique des structures prosodématiques. In P. Léon, G. Faure, & A. Rigault, eds. *Prosodic Feature Analysis / Analyse des faits prosodiques*. Studia Phonetica 3. Montréal - Paris - Bruxelles: Didier, pp. 94–108.
- Fauré, L., 2002. Transcrire les données vocales : en quoi les corrélats prosodiques des interjections sont-ils notables ? *Cahiers de praxématique*, 39, pp.101–133.
- Ferré, G., 2011. Analyse multimodale des particules d'extension « et tout ça, etc. » en français. In H.-Y. Yoo & E. Delais-Roussarie, eds. *Actes / Proceedings from IDP (Interface Discours & Prosodie) 2009*. Paris: ARP (Atelier de Recherche sur la Parole), pp. 157–171.
- Freitas, T., 2010. Gravando e Transcrevendo o Português Falado: Um Guia Teórico e Prático. In *Estudos de Corpora. Da teoria à prática*. Lisboa: Colibri, pp. 15–66.

- Freitas, T. & Ramilo, M.C., 2010. Transcrição Ortográfica de Textos Oraís: Problemas e Perspectivas. In *Estudos de Corpora. Da teoria à prática*. Lisboa: Colibri, pp. 67–83.
- Gago, P.C., 2002. Questões de transcrição em Análise da Conversa. *Veredas (UFJF)*, 6(2), pp.89–113.
- Garcez, P.M., 2002. Transcrição como teoria: a identificação dos falantes como atividade analítica plena. In L. P. da M. Lopes & L. C. Bastos, eds. *Identidades: recortes multi e interdisciplinares*. Campinas, SP: Mercado de Letras, pp. 83–95.
- GIID-CLUNL, 2009. *Convenções de transcrição GIID-CLUNL*. Metadados do Corpus ACASS (Arquiv. GIID-CLUNL). Lisboa: FCSH-UNL.
- GIID-CLUNL, 2012. *Volume de Transcrições de Atendimentos de Ação social*. Corpus ACASS. Lisboa: FCSH-UNL.
- Goldman, J.-P. et al., 2007. Phonostylographe : un outil de description prosodique. Comparaison du style radiophonique et lu. *Nouveaux cahiers de linguistique française*, 28, pp.219–237.
- Gonçalves, M., 2002. *A interjeição em português. Contributo para uma abordagem em semântica discursiva*, Lisboa: Fundação C. Gulbenkian / FCT.
- Grosjean, M., 2001. Verbal et non-verbal dans le langage au travail. In A. Borzeix & B. Fraenkel, eds. *Langage et Travail. Communication, cognition, action*. Paris: CNRS, pp. 143–166.
- ten Have, P., 2005. *Doing Conversation Analysis. A Practical Guide*, London: Sage.
- Heinz, B., 2003. Backchannel responses as strategic responses in bilingual speakers' conversations. *Journal of Pragmatics*, 35, pp.1113–1142.
- House, J., 2007. The role of prosody in constraining context selection: a procedural approach. *Nouveaux cahiers de linguistique française*, 28, pp.369–383.
- Jefferson, G., 1973. A case of precision timing in ordinary conversation: overlapped tag-positioned address terms in closing sequences. *Semiotica*, 9(1), pp.47–96.
- Jefferson, G., 2004a. A note on laughter in “male-female” interaction. *Discourse Studies*, 6(1), pp.117–133.
- Jefferson, G., 2004b. A sketch of some orderly aspects of overlap in natural conversation. In G. H. Lerner, ed. *Conversation Analysis. Studies from the first generation*. Amsterdam: John Benjamins, pp. 43–59.
- Jefferson, G., 1979. A technique for inviting laughter and its subsequent acceptance declination. In G. Psathas, ed. *Everyday Language. Studies in Ethnomethodology*. New York: Irvington, pp. 79–95.
- Jefferson, G., 1985. An exercise in the transcription and analysis of laughter. In T. A. Van Dijk, ed. *Handbook of Discourse Analysis*. London: Academic Press, pp. 25–34.

- Jefferson, G., 2004c. Glossary of transcript symbols with an introduction. In G. H. Lerner, ed. *Conversation Analysis. Studies from the first generation*. Amsterdam: John Benjamins, pp. 13–31.
- Jefferson, G., 1983. Notes on some orderlinesses of overlap onset. *Tilburg Papers in Language and Literature*, 28(1), pp.1–28.
- Jefferson, G., Sacks, H. & Schegloff, E., 1987. Notes on laughter in the pursuit of intimacy. In G. Button & J. R. E. Lee, eds. *Talk and Social Organization*. Clevedon: Multilingual Matters, pp. 152–205.
- Jullien, S., 2007. Prosodic, syntactic and semantico-pragmatic parameters as clues for projection : the case of «il y a». *Nouveaux cahiers de linguistique française*, 28, pp.279–297.
- Kangasharju, H. & Nikko, T., 2009. Emotions in Organizations: Joint Laughter in Workplace Meetings. *Journal of Business Communication*, 46(1), pp.100–119.
- Kerbrat-Orecchioni, C., 1990. *Les interactions verbales: 1. Approche interactionnelle et structure des conversations*, Paris: Armand Colin.
- Lacheret, A., 2008. Séquençage et mouvements intonodiscursifs en français parlé. *Cahiers de praxématique*, 48, pp.193–212.
- Lacheret-Dujour, A., 2007. Prosodie-discours : une interface à multiples facettes. *Nouveaux cahiers de linguistique française*, 28, pp.7–40.
- Lacheret-Dujour, A. & Beaugendre, F., 2002. *La prosodie du français* 2nd ed., Paris: CNRS.
- Laforest, M., 1992. L'influence de la loquacité de l'informateur sur la production de signaux backchannel par l'intervieweur en situation d'entrevue sociolinguistique. *Language Variation and Change*, (4), pp.163–177.
- Lehtinen, M., 2008. Downgrading the Importance of What Is Said via Prosodic Cues: A Comparative Perspective on the Use of Stylised Intonation Contours in French and in Finnish. *The Linguistics Journal*, 3(1), pp.8–39.
- Lehtinen, M., 2009. *La contextualisation du discours radiophonique par des moyens prosodiques*. Thèse (dir. Juhani Härmä). Helsinki: Université de Helsinki.
- Léon, P., 2005. *Précis de phonostylistique: parole et expressivité* 2nd ed., Paris: Armand Colin.
- Lerner, Gene H., 1989. Notes on Overlap Management in Conversation: The Case of Delayed Completion. *Western Journal of Speech Communication*, 53, pp.167–177.
- Loder, L.L. & Jung, N.M. eds., 2008. *Fala-em-Interação social: Introdução à Análise da Conversa etnometodológica*, Campinas, SP: Mercado de Letras.
- Mathon, C. & Boulakia, G., 2011. Le commentaire sportif en direct: une combinatoire de différentes fonctions de la prosodie. In H.-Y. Yoo & E. Delais-Roussarie, eds. *Actes / Proceedings from IDP (Interface Discours & Prosodie) 2009*. Paris: ARP (Atelier de Recherche sur la Parole), pp. 287–301.

- Maynard, S.K., 1986. On back-channel behavior in Japanese and English casual conversation. *Linguistics*, (24), pp.1079–1108.
- Mik-Meyer, N., 2007. Interpersonal Relations or Jokes of Social Structure? Laughter in Social Work. *Qualitative Social Work*, 6(1), pp.9–26.
- Monteiro, D., 2011a. *A organização sequencial de interações informais institucionalmente enquadradas. O caso do Atendimento de Acção Social*. Dissertação de Mestrado (dir. Adriano Duarte Rodrigues & Maria Isabel Gonçalves Tomás). Lisboa: FCSH-UNL.
- Monteiro, D., 2011b. Pré-construções teóricas e método indutivo em análise da conversação. In *Workshop Internacional “NÃO SE IMPORTA QUE EU GRAVE?” Ética e Metodologia da investigação sobre interações discursivas (GIID-CLUNL / ILTEC)*. Lisboa: FCSH-UNL.
- Morel, M.-A. & Danon-Boileau, L., 1998. *Grammaire de l’intonation: l’exemple du français oral*, Paris: Ophrys.
- Ochs, E., 1979. Transcription as theory. In E. Ochs & B. B. Schieffelin, eds. *Developmental pragmatics*. New York: Academic Press, pp. 43–72.
- Ogien, R., 1990. Sanctions diffuses. Sarcasmes, rires, mépris. *Revue française de sociologie*, 31, pp.591–607.
- Oliveira, M. & Freitas, T., 2010. Intonation as a Cue to Turn Management in Telephone and Face-to-Face Interactions. In *Estudos de Corpora. Da teoria à prática*. Lisboa: Colibri, pp. 247–257.
- Portes, C., 2004. *Prosodie et économie du discours : Spécificité phonétique, écologie discursive et portée pragmatique de l’intonation d’implication*. Thèse (dir. Albert Di Cristo). Aix-en-Provence: Université Aix-Marseille I – Université de Provence.
- Psathas, G. & Anderson, W.T., 1990. The “practices” of transcription in conversation analysis. *Semiotica*, 78(1/2), pp.75–99.
- Reed, B.S., 2010. Prosody and alignment: a sequential perspective. *Cultural Studies of Science Education*.
- Reed, B.S., 2011. Units of interaction: “Intonation phrases” or “turn constructional phrases”? In H.-Y. Yoo & E. Delais-Roussarie, eds. *Actes / Proceedings from IDP (Interface Discours & Prosodie) 2009*. Paris: ARP (Atelier de Recherche sur la Parole), pp. 351–363.
- Rodrigues, I.M.G., 1998. *Sinais Conversacionais de Alternância de Vez*, Porto: Graniito, Editores e Livreiros.
- Roth, W.-M. & Tobin, K., 2010. Solidarity and conflict: aligned and misaligned prosody as a transactional resource in intra- and intercultural communication involving power differences. *Cultural Studies of Science Education*, 5, pp.807–847.
- Sacks, H., 1984. Notes on methodology. In J. M. Atkinson & J. Heritage, eds. *Structures of Social Action. Studies in Conversation Analysis*. Cambridge: Cambridge University Press / Maison des Sciences de l’Homme, pp. 21–27.

- Sacks, H., Schegloff, E. & Jefferson, G., 1974. A Simplest Systematics for the Organization of Turn-Taking for Conversation. *Language*, 50(4), pp.696–735.
- Schegloff, E., 2001. Accounts of Conduct in Interaction. Interruption, Overlap and Turn-Taking. In J. H. Turner, ed. *Handbook of Sociological Theory*. New York: Kluwer Academic / Plenum Publishers, pp. 287–321.
- Schegloff, E., 1998. Reflections on Studying Prosody in Talk-in-Interaction. *Language and Speech*, 41(3-4), pp.235–263.
- Schegloff, E., 2007. *Sequence Organization in Interaction - A Primer In Conversation Analysis I*, Cambridge: Cambridge University Press.
- Selting, M., 1992. Intonation as a contextualization device: case studies on the role of prosody, especially intonation, in contextualizing story telling in conversation. In P. Auer & A. Luzio (di), eds. *The contextualization of language*. Amsterdam: Benjamins, pp. 233–258.
- Simon, A.C., Caelen-Haumont, G. & Pagliano, C. eds., 2006. *Prosodie du français contemporain: L'autre versant de PFC*, Toulouse: Bulletin PFC (Phonologie du Français Contemporain) n°6.
- Sinclair, J.M. & Brazil, D., 1982. *Teacher Talk*, Oxford: Oxford University Press.
- Tao, H. & Thompson, S.A., 1991. English backchannels in Mandarin conversation: a case study of superstratum pragmatic “interference.” *Journal of Pragmatics*, 16, pp.209–223.
- Tokizaki, H., 2007. Intrasentential Prosody: Conjunction, speech rate and sentence length. *Nouveaux cahiers de linguistique française*, 28, pp.359–367.
- Uhmann, S., 1992. Contextualizing relevance: on some forms and functions of speech rate changes in everyday conversation. In P. Auer & A. Luzio (di), eds. *The contextualization of language*. Amsterdam: Benjamins, pp. 297–336.
- Ward, N. & Tsukahara, W., 2000. Prosodic features which cue back-channel responses in English and Japanese. *Journal of Pragmatics*, 32, pp.1177–1207.
- White, S., 1989. Backchannels across cultures: a study of Americans and Japanese. *Language in Society*, (18), pp.59–76.
- Yoo, H.-Y. & Delais-Roussarie, E. eds., 2011. *Actes / Proceedings from IDP (Interface Discours & Prosodie) 2009*, Paris: ARP (Atelier de Recherche sur la Parole).

Binet, M., 2012. A transcrição como teoria-em-reconstrução: a indução como prática metodológica. Documento de Trabalho do GIID n°37. Lisboa: FCSH-UNL.

ANEXO: Convenções de transcrição GIID-CLUNL (Adapt. Jefferson, 2004)

Monospaced' Font: New Courier / Tamanho da fonte: 10 (*salvo indicação)

Simbolo	Fenómeno
.	Entoação descendente
?	Entoação ascendente
,	Entoação continua
: / :: / :::	Prolongamento do som (diferentes durações)
↑	Som mais agudo *Tamanho da fonte: 8 [1-Transcrever no ELAN (/) → 2-Converter na transcrição final: (↑)]
↓	Som mais grave *Tamanho da fonte: 8 [1-Transcrever no ELAN (\) → 2-Converter na transcrição final: (↓)]
-	Corte abrupto
fala	Ênfase [1-Transcrever no ELAN (fa“l_a_”) → 2-Converter na transcrição final: (fala)]
FAla	Volume mais alto
°fala°	Volume mais baixo
>fala<	Fala acelerada *Tamanho da fonte: 8 [1-Transcrever no ELAN (»fala«) → 2-Converter na transcrição final: (>fala<)]
<fala>	Fala desacelerada *Tamanho da fonte: 8 [1-Transcrever no ELAN («fala») → 2-Converter na transcrição final: (<fala>)]
[] []	Falas sobrepostas
(.)	Micro-pausa (igual ou inferior a dois décimos de segundo)
(2.5)	Pausa (em segundos e décimos de segundos)
eh	Pausa cheia
mm	Sinal de retorno do ouvinte
.h / .hh / .hhh	Inspiração (diferentes durações)
h / hh / hhh	Expiração (diferentes durações)
th	Estalar de língua
...= =...	Turnos contíguos (ausência de pausa interturnos)
=	Ausência de uma micropausa intraturno (entre duas palavras)
()	Segmento inaudível não transcrito
(fala)	Segmento pouco audível de transcrição duvidosa
(fala/fama)	Transcrições alternativas de um segmento pouco audível
((escreve))	Descrição de uma actividade não verbal

GIID-CLUNL

Jefferson, G., 2004. Glossary of transcript symbols with an introduction. Em G. H. Lerner, ed. Conversation Analysis. Studies from the first generation. Amsterdam: John Benjamins, pp. 13-31.